Ainda Negra Fulô?

Socorro Coelho*

Ora, se deu que chegou
isso já fez tanto tempo
quase um século se passou
e ainda se falam de mim como a Negra Fulô!

Fulo! Fulo!
Que Negra Fulô?

A Fulô que a Sinhá acusou,
humilhou e abusou?
Essa história já passou;
não sou mais essa negra
nem me chamo mais Fulô!
Pobre Sinhá!
Vive hoje a implorar
ser a tal Negra Fulô!

Sinhá! Ó Sinhá!
Fique onde está,
deixe-me cá onde estou.
Não posso fazer favor
de voltar como Sinhá
e você como Fulô.

Sinhá! Ó Sinhá!
Pare de lamentar
isso tudo já passou.
Não pode me abanar,
não pode me pentear,
nem história contar,
oi uma mucama virar;
pois cá não temos Sinhô,
cá não temos Sinhá.
Isso tudo foi no tempo
que você tinha poder,
desejou e transformou
uma humana Flor Negra
em uma Negra Fulô!

Ah! Sinhá!
Deixe de resmungar!
O passado não voltará!
Era seu tempo de princesa

com o poder a reinar
e uma flor cultivar,
que deveria enfeitar
sua vida e seu lar.

Uma flor Sinhá! Uma flor!
Não cultivada,
nem molhada,
acusada, bulinada,
esquecida de amor,
Sob o couro do feitor!

Sinhá! Ó Sinhá!
Quanto couro do feitor!
Lenço, ouro, Cinto, broche,
Sinhô e a Negra Fulô.

Não cuidaste do Sinhô,
os meninos num embalou,
sua cama num forrou ,
uma flor despetalou!
Construiu sua história:
Ora, se deu que chegou
isso já faz muito tempo
no bangüê de um avô
uma negra bonitinha
bulinada sem amor
cresceu e floresceu
Uma Negra Fulô!

Sinhá! Ó Sinhá!
Entrou na perna do pato
saiu na perna dum pinto,
o Rei-Senhor sempre espera
que contemos até cinco
pra não fazer de uma flor
uma "Neguinha Fulo"!

Sinhá! Ó Sinhá!
Essa história já passou!
Não posso virar Sinhá
e nem você virar Fulô!
Ainda há de saber que
são coisas do Nosso Senhor!

_____

(*) Socorro Coelho é poeta em Belo Horizonte/MG.